

O ROSTO DA POESIA

Anelito Pereira de OLIVEIRA¹²²

PAIXÃO, F. **Palavra e rosto**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

Certos poetas aparecem apenas raramente, quando têm algo que julgam relevante a socializar. Preservam-se tanto que sua ausência passa a ser uma espécie de presença, um excesso de discrição que não pode ser tomado como mero esnobismo. Há algo mais, sem dúvida, aí, que tem a ver, fundamentalmente, com o princípio de criação que cultivam. Esse princípio é de que a poesia, como pensava Drummond, não é a linguagem de todos os momentos. A poesia é a linguagem dos raros momentos, que raramente são experienciados. Assim se explica, de modo sintético, o silêncio dos poetas no mundo banal, repetitivo, cínico, que acabamos por construir.

Fernando Paixão, português radicado no Brasil desde a infância, é um poeta raro. Certamente, um dos mais raros em atividade, ao lado de Antonio Fernando de Franceschi, Júlio Castañon Guimarães, Alberto Martins, Augusto Massi e Nelson Ascher. São poetas mais do silêncio que da palavra. E de um silêncio crítico, inquestionavelmente digno, numa relação de resistência à dinâmica capitalista. Cauteloso, Paixão dá por iniciada sua trajetória com *Fogo dos rios*, de 1989. Após cinco anos, publicou *25 azulejos*, em 1994, e somente sete anos depois, em 2001, reapareceu com *Poeira*. Mais quatro anos e, em 2005, lança *A parte da tarde*. Após mais cinco anos de silêncio, lança, em 2010, *Palavra e rosto*.

Os longos intervalos de um livro a outro não se devem a uma crise criativa, a uma dificuldade de escrever, de que a escrita seria um comprovante. Fernando Paixão não é um poeta mallarméano mais do que todos o são de fins do século XIX para cá, ou seja, desejosos de singularização, de não ser mais um entre outros, de ser, enfim. Não há, na sua poesia, a fascinação pelo “sens pure”, pela palavra imaculada, que levará o poeta francês ao silêncio definitivo. O que justificaria esses longos intervalos, para além da dificuldade de publicação decente de livros de poesia no país, é uma espécie de

¹²² Departamento de Comunicação e Letras, Centro de Ciências Humanas, Universidade Estadual de Montes Claros, UNIMONTES, CEP 39.400-000, Montes Claros, MG, Brasil – anelitodeoliveira@gmail.com

desejo de fidelidade à experiência lírica, de dizer o “é”, o traço específico, dessa experiência.

Palavra e rosto tem algo de inventário de experiências, e este aspecto basta para que ocupe um lugar importante, esclarecedor, na obra de Paixão. Reúne textos produzidos ao longo de vários anos, todos marcados pelo desejo de absorver o que se dá à percepção, de atravessar o visível, digamos, e instaurar um mais além do pensável. Entremeados pelas gravuras de Evandro Carlos Jardim, em mais um belo objeto editorial editado por Plínio Martins Filho através de sua Ateliê, configuram o que o autor, no seu prólogo, chama de “álbum de desenhos e pensamentos”. Pensamentos que não têm sobre si mesmos uma imagem tirânica, exclusivista, mas compreensiva – donde sua disposição dialógica, sua abertura.

Em geral, os pensamentos desse álbum são sobre o mundo das letras, sobre o “laboratório do escritor” (Piglia), onde quase tudo entra, coisas reais e fictícias: uma mulher lendo, rabiscos num caderno, um escritor trabalhando, o ato de publicar, a notícia sobre a visita do poeta estadunidense Robert Frost ao Brasil, uma foto de Rilke, vestígios de Fernando Pessoa em Lisboa, títulos de livros (!) etc, tudo vem ao caso, nada é desprovido de importância. Trata-se de cartografar sensivelmente um mundo, no qual o poeta se encontra inserto – e incerto também, é fato –, que constitui sua extensão, mais ainda: seu complemento. E esse mundo, aos olhos do poeta, é bastante simples, e por isso mesmo capaz de encantar.

O livro se abre e se fecha enunciando essa simplicidade, refletindo sobre um fragmento de Lao-Tsé a respeito do vazio (“Paisagem chinesa”) e narrando a impressionante história de um – suposto – morador de rua que “cata” papéis especiais, dir-se-ia, poemas, configurando a imagem de um “cão-poeta” (“O farejador”). Diz “Paisagem chinesa”: “Chove. Chove. É então possível observar o vazio que emoldura uma utilidade: em meio aos pingos, o espaço vago transforma-se em presença. Torna-se visível”. E “O farejador”: “Gostava de caminhar para longe, bem longe, até que o cansaço o fizesse surpreender-se com a imagem solitária de um tronco de árvore ou com os rabiscos de um muro perdido”.

Em ambos os textos, o poeta se nos apresenta numa posição de notável humildade, cúmplice das figuras de poeta a que dá relevo, o budista e o mendigo, sujeitos devotados ao que se toma por inútil, sem valor, em sociedade. O procedimento escritural, nesses textos e em muitos outros do livro, é índice valioso de uma vontade de aproximação cuidadosa, sem pré-conceitos, daquilo que se apresenta na cotidianidade,

de modo a atualizar – na superfície do texto – um vínculo afetivo que pré-existe – na profundidade – ao poeta. Não há crise na relação entre sujeito e objeto porque não se trata de promover, idealmente, a elevação de um em detrimento de outro, do ser em detrimento do estar, digamos, mas de harmonizar os aparentemente contrários.

Esses escritos lúcidos de Fernando Paixão, com sua feição de coisas pacientemente cultivadas, expondo a produtividade do poema em prosa (inventado pelos simbolistas) num momento de tanto verso prosaico para parecer João Cabral ou Augusto de Campos, desenham uma relação harmoniosa entre linguagem e sujeito, entre o que se diz e quem diz, que é a que encontramos, de um modo elíptico, em sua poesia, sem conseguir perceber a fonte. Essa relação não implica uma suspensão da história, do campo das contradições, mas um desvio, sem dúvida, de uma valorização excessiva da história em prol da poesia, do que é em prol do que poderia ter sido (Aristóteles). E assim mesmo é que um outro rosto, o rosto do poeta, pode-se apresentar ainda no mundo.